

2

Questões de gênero no casamento contemporâneo

“O casamento faz de duas pessoas uma só, difícil é determinar qual será.”

[William Shakespeare](#)

2.1

Motivações e expectativas face ao casamento

Os casamentos do final do século XX, livres de interesses familiares, encontraram nos afetos seu principal motivo. As uniões por amor ganharam destaque e permanecem como um modelo atual. Faz-se necessário, então, desvendar os significados do amor nos nossos dias.

Bozon (2005) acredita que haja diversas acepções do amor, de acordo com as práticas sociais que o definam. Para o sociólogo, o amor funciona como um jogo no qual nos concedemos ao outro. Referimo-nos ao amor como um sentimento, uma emoção vivenciada e pautada em uma relação. Portanto, nas várias interações conjugais em que o amor estiver presente, ele irá direcionar não exclusivamente os afetos, mas as ações práticas realizadas pelos parceiros. O autor aponta para o perigo de compreender o amor como um afeto prévio e igual para todos, sugerindo que seja uma ideia sobre uma prática social que se desenrola como um roteiro. Este seria estruturado por meio de pequenas etapas nas quais os cônjuges intercambiam segredos, presentes e gestos de carinho. Nesse sentido, o amor é uma interação vinculada à comunicação interpessoal.

Conforme apresenta Giddens (1992), o amor contemporâneo é um amor confluyente, mais fluido e fortuito, cuja forma renova-se a cada relação. Nessa categoria amorosa, a intimidade entre os parceiros garante-lhes maior proximidade e abertura, reduzindo a identificação projetiva entre eles. É um amor finito e ocasional, podendo ser sentido por diferentes pessoas em diferentes ocasiões. Nele estão presentes o envolvimento sexual e o equilíbrio emocional entre os cônjuges. Homens e mulheres podem oferecer e receber na mesma

proporção. Liberdade e individualidade constituem-se como características resguardadas pelo amor confluyente.

Diante de relações tão frágeis e incertas, parece surgir concomitantemente uma sensação de insegurança e desconfiança frente ao outro. Na análise de Giddens (1991), a modernidade é diferenciada pelo fenômeno da confiança, como elemento imprescindível nos laços sociais. Casais que procuram um relacionamento estável e duradouro contam com a confiança mútua para minimizarem e obterem algum controle sobre as ameaças e riscos que podem por em perigo o seu amor. Esse modelo faz do amor uma aposta no outro, como um suposto conhecido, e no próprio relacionamento, como uma realidade possível e concreta.

Para Bauman (2004), o amor dos tempos atuais é um amor líquido, algo que escorre pelas mãos, que é difícil de pegar e não tem uma forma definida. Os relacionamentos regulados por esse amor são breves, intensos e instáveis. Segundo o sociólogo, é também um amor consumista, no qual o outro é tomado como uma mercadoria que deve ser consumida imediatamente, antes que saia de moda ou perca a validade. As relações nesses moldes são como “relações de bolso”, obedecendo a um desejo momentâneo e volúvel, das quais se precisa sempre retirar algum proveito pessoal, um lucro com pouco investimento, um ganho com poucos esforços.

Pesquisando casais contemporâneos, Heilborn (2004) concluiu que alguns princípios parecem reger essas relações. Dentre eles estão a liberdade, a igualdade e o individualismo, componentes da conjugalidade igualitária. Este estilo de relacionamento é calcado em valores como companheirismo, amizade e sexualidade. Os cônjuges assemelham-se nos salários, na divisão das tarefas domésticas, no cuidado com filhos e na administração da sua vida social.

Dias (2000) sintetiza as expectativas do casal contemporâneo, especialmente nas camadas médias urbanas, como uma reunião dos aspectos intelectual, psicológico e sexual. Ressalta ainda que os cônjuges esperam uma relação mais igualitária, na qual o desejo interno é mais valorizado que os vínculos institucionais e as convenções sociais.

Zordan, Falcke e Wagner (2009), em pesquisa sobre motivos e expectativas a respeito do casamento contemporâneo, expuseram interesses pessoais, familiares, socioeconômicos e religiosos. As principais motivações

relacionadas a ele são: afinidade, desejo dos pais que seus filhos se casem, tornarem a união oficial para a sociedade e o valor sagrado do casamento. Além da afinidade, a segurança emocional, o companheirismo e o amor também apareceram como componentes pessoais esperados no casamento. É possível perceber, então, que os fatores subjetivos são preponderantes para a decisão pela união conjugal, enfatizando também a qualidade do relacionamento em detrimento do casamento instituído pela lei ou pela religião.

As autoras frisam dessemelhanças entre os gêneros no que diz respeito às expectativas e aos interesses pessoais e sociais para o casamento. Os homens costumam dar maior importância a um lugar exclusivo para o casal habitar, enquanto as mulheres importam-se mais em tornar pública a união conjugal e almejam uma vida sexual satisfatória com o casamento.

Wagner, Falcke e Meza (1997), em estudo sobre concepções e expectativas de adolescentes sobre o casamento, encontraram resultados significativamente diferentes para meninos e meninas. De forma geral, ambos ainda parecem alimentar um ideal romântico no que se refere à relação amorosa, atribuindo ao amor a maior motivação para o casamento. Contudo, as pesquisadoras constataram que esse padrão foi preponderante nas respostas femininas: 97% das meninas e 60,7% dos meninos. Além do amor, eles também elegeram demais motivos para a união conjugal, como a formação de família e a obtenção de satisfação pessoal. Portanto, as autoras assinalaram que as características subjetivas e afetivas parecem permanecer associadas ao ideário feminino, enquanto que os homens demonstram ser práticos e objetivos em relação ao casamento contemporâneo.

Magalhães (1993) encontrou semelhante resultado em pesquisa com adultos cariocas entre vinte e cinco e cinquenta e cinco anos. Quase a totalidade das mulheres apontou o casamento como relação amorosa e todos os homens, como constituição de família.

Féres-Carneiro (1998) explica que, em razão das elevadas expectativas em relação ao casamento, o indivíduo contemporâneo não suporta a frustração de não satisfazê-las. De tal modo, muitas vezes o divórcio decorre dessa desilusão, fazendo do recasamento uma nova busca por satisfação pela maioria.

Não obstante o grande número de divórcios na atualidade, os jovens solteiros ainda incluem o casamento em seus projetos de vida. Segundo Jablonski

(2005), nos anos de 1986, 1993 e 2003, o amor foi bastante valorizado como ingrediente principal da união conjugal. Essa postura parece denotar a idealização dos entrevistados sobre o casamento, desconsiderando fatores negativos ou desvantajosos que podem originar problemas e conflitos futuros em suas relações.

2.2

Satisfação conjugal

Scorsolini-Comin e Santos (2009), ao realizarem um levantamento bibliográfico de trabalhos sobre o conceito de satisfação conjugal, enfatizaram que esse é um tema de alta complexidade e de múltiplos sentidos, já que é muitas vezes referido como sinônimo de qualidade, ajustamento e sucesso conjugal. Existe, portanto, uma falta de clareza conceitual. Contudo, a seguir, estão dispostas algumas das principais referências sobre essa temática.

Procurando compreender o que faz de um casamento uma relação satisfatória, identificando os elementos que contribuem para a sua manutenção, Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) destacam os seguintes fatores e suas possíveis combinações: características sociodemográfica - como religião, nível educacional e status econômico - fisiológicas e psicológicas, dos cônjuges e seus filhos, se houver. Para as autoras, a qualidade conjugal é um conceito multidimensional e depende da interação entre as potencialidades individuais dos cônjuges, do contexto em que estão inseridos e da capacidade de adaptação dos mesmos.

Na visão de Minuchin (1990), a capacidade de lidar com diversas emoções, de construir um modelo eficaz de comunicação e de adaptar-se e transformar-se face às variadas situações conjugais são competências pessoais fundamentais para a satisfação em um relacionamento amoroso.

Em estudo sobre satisfação conjugal em casamentos de longa duração, Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004) verificaram que a relação satisfatória está relacionada a fatores como prática e crença religiosa, habilidade de comunicação, coesão, proximidade, transformação, flexibilidade e satisfação econômica. Também foi constatado o amor como principal elemento para que os cônjuges continuem no casamento. No entanto, as pesquisadoras

ressaltaram que, além do amor ou da pessoa certa, o fundamental para obter a satisfação conjugal é o trabalho em equipe.

Para Giddens (1992), a independência e a igualdade entre os parceiros criam uma atmosfera de abertura emocional e livre comunicação, requisitos basilares para a confiança e a intimidade conjugal. Essa conjuntura contribui para a qualidade da relação, bem como para o respeito e o desenvolvimento mútuo dos cônjuges.

Segundo Deal, Wampler e Halverson (1992), indivíduos que compartilham de visões e concepções sobre a vida tendem a considerar seus casamentos como satisfatórios. A similaridade de percepções pode aumentar no decorrer da relação, muito embora pareça ser um processo mais intenso no seu início. É claro que a semelhança entre dois nunca será completa e, por isso, o que traz mais satisfação para a união conjugal é o ajustamento do que é igual e do que é diferente, a fim de que haja consenso e entendimento entre os parceiros.

Medindo a satisfação conjugal em casais que trabalham, Perlin e Diniz (2005) chegaram a resultados que apontam mulheres e homens satisfeitos. No entanto, verificaram maior nível de satisfação nas respostas masculinas. Para as autoras, essa constatação deve-se, principalmente, ao esforço realizado pelas mulheres para a boa execução dos vários papéis sociais a elas atribuídos. Por sentirem-se cobradas nas áreas profissional, doméstica, afetiva e sexual, as mulheres tendem a também exigir dos homens um bom desempenho em todos esses campos.

2.3

Dificuldades e problemas no convívio a dois

As dificuldades no casamento podem ser passageiras ou de solução mais complexa e demorada, podendo levar a conflitos recorrentes para o casal. Para Dicks (1967), esses conflitos derivam do desacordo entre a interação inconsciente dos cônjuges e seus desejos e expectativas conscientes.

Garcia e Tassara (2003), em pesquisa sobre problemas conjugais identificados por mulheres capixabas, perceberam que eles originam-se das impossibilidades diante da utopia do amor romântico como ideal feminino. Por esperarem a completa felicidade conjugal, tudo aquilo que não estiver incluso no

projeto afetivo-sexual das mulheres é apontado por elas como um problema. Elas mostraram maior insatisfação no que se refere ao descumprimento de funções supostamente atribuídas ao marido, como de provedor financeiro, companheiro e amante. Elas enfatizaram como pontos negativos do casamento: a intolerância e o nervosismo do parceiro, a falta de comunicação do casal e as divergências em relação à educação dos filhos.

Conforme constatou Magalhães (1993) na concepção feminina, os problemas conjugais que colocam o casamento em risco estão relacionados à baixa qualidade da relação amorosa, sobretudo, no que diz respeito à intimidade, à admiração e à sexualidade do casal.

De acordo com Dias (2000), a expectativa de um relacionamento essencialmente igualitário é frustrada, podendo se tornar uma dificuldade para o casal. Para tanto, é necessária uma permanente negociação das demandas e das tarefas individuais, além da constante revisão consciente dos papéis de gênero internalizados.

Jablonski (2007) concorda que a igualdade nos papéis de gênero ainda é uma busca não concluída. A maioria dos homens demonstra interesse crescente sobre as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos. Contudo, a divisão factual é um ideal no que se refere ao comportamento masculino. O autor assinala essa situação como possível propulsora de conflitos conjugais e da insatisfação feminina diante do casamento.

Jacobs (2004) postula que não há igualdade de papéis de gênero, mas existe uma concorrência permanente entre modelos tradicionais e contemporâneos de casamento. Homens e mulheres encontram-se confusos diante do que esperar como função do parceiro. Assim, os casais estabelecem expectativas inatingíveis, das quais podem derivar solidão, frustração, incompreensão e rejeição.

Em pesquisa com casais que trabalham, Perlin e Diniz (2005) descrevem alguns dos principais dilemas por eles enfrentados. São eles: a redução do tempo para a intimidade e expressão de afeto conjugal e familiar; redução do tempo para si próprio; aumento da pressão social para investimento na carreira profissional e para aumento na renda.

As diferenças individuais também podem gerar problemas conjugais. Sager (1976) afirma que, em razão de estilos cognitivos próprios dos cônjuges, as percepções distintas podem ocasionar conclusões muito desiguais. A disparidade

de pontos de vista pode culminar em dificuldades de comunicação e em geração de conflitos no casamento.

O ponto da diferença de percepção é também abordado por Willi, Frei e Limacher (1993). Para eles, o que ocorre é um desconhecimento mútuo sobre como cada um experiencia e significa um determinado acontecimento. Ao perceberem, reconhecerem e respeitarem suas diferenças, as dificuldades relacionais reduzirão na mesma medida que os problemas de comunicação.

As dificuldades individuais podem ser atenuadas por meio do relacionamento conjugal. Conforme esclarece Willi (1978), a rigidez dos papéis de gênero costuma aparecer como um problema para a relação, pois os seus membros adotam posturas defensivas e atribuem ao outro atitudes e afetos que lhe causam medo. Por outro lado, nos casos de maior flexibilização de papéis, os parceiros têm chance de perceber seus próprios padrões ignorados e, com isso, transformarem-se individual e conjuntamente.

2.4

Manutenção conjugal: esforços, concessões e mudanças

Um casamento requer esforços de comunicação para tornar explícitos os desejos e as insatisfações dos parceiros. Dias (2000) afirma que os casais não negociam suas responsabilidades de início. Portanto, esse é um processo contínuo que parece permear toda a relação.

Como explicam Knudson-Martin e Mahoney (1996), relacionamentos baseados na igualdade tendem a facilitar as negociações sobre a divisão de papéis. Neles, os cônjuges discutem seus pontos de vista e seus sentimentos para chegarem a um acordo. Os conflitos são tratados de forma consciente e os parceiros mostram-se maleáveis para transformações conjugais.

A negociação também é questão explorada por Sager (1976). Para ele, as necessidades, os desejos e as expectativas individuais devem ser transmitidas ao outro para que se constituam interesses e objetivos comuns. As visões de mundo e as atitudes dos cônjuges frente a desafios entram em interação e dão origem a uma realidade compartilhada por ambos.

Dias (2000) frisa que a manutenção conjugal depende do encontro de dois mundos diversos que estão em constante processo de ajuste e elaboração. Um

consenso precisa permanecer a fim de que os envolvidos possam estruturar constructos comuns e flexíveis o bastante para possibilitarem mudanças no transcorrer da relação. Contudo, a autora atenta para as incompatibilidades dos parceiros. As concepções individuais nem sempre serão bem ajustadas, o que aponta para a necessidade de compreensão mútua sobre as diferenças que também compõem o relacionamento.

Ser flexível e compreensivo significa, então, não adotar posturas rígidas e imutáveis, mas, estar aberto às demandas da relação. Para Dias (2000), existe uma tensão permanente entre o que converge e o que diverge nos parceiros. O relacionamento seria como uma corda bamba, e, manter o equilíbrio possibilitaria uma experiência conjugal transformadora.

Em geral, para se manterem na relação, são as mulheres que anseiam por mudanças. Segundo Jablonski (2003), elas mostram-se mais exigentes, descontentes e críticas acerca do casamento. Muito embora suas possibilidades sociais tenham aumentado, a satisfação feminina encontra-se em declínio. O autor afirma que, seduzidas pela promessa de igualdade entre gêneros, as mulheres frustram-se quando percebem que na prática há grandes e indesejadas diferenças no casamento contemporâneo.

Féres-Carneiro (2001) encontrou resultados semelhantes em sua pesquisa. Homens e mulheres apresentaram atitudes diferentes no relacionamento. Eles evidenciaram maior acomodação e satisfação, possivelmente relacionadas a modelos tradicionais do casamento, ao passo que elas mostraram estar mais insatisfeitas e em permanente procura por mudanças que aprimorem a qualidade conjugal.

As mulheres também são as que mais fazem concessões em benefício do casamento e da família. Perlin e Diniz (2005) encontraram indicadores de que os desejos e necessidades femininos são os mais renunciados em nome da relação amorosa. As mulheres parecem ser mais flexíveis em abdicar de alguns de seus objetivos em comparação com os homens. Segundo as autoras, esse modo de agir feminino pode comprometer sua satisfação conjugal, no trabalho e em demais setores da vida.

2.5

O ideal de casamento, o casamento ideal e o casamento real

Pensando em ideal de casamento como o ideal individual e em casamento ideal como o seu ideal social, faz-se imperativo refletir sobre como os indivíduos tentam realizar suas expectativas amorosas em meio a influências contemporâneas e tradicionais. Segundo Dias (2000), os ideais sociais são compostos pelo que a sociedade atual espera e acredita ser o desempenho do homem e da mulher no casamento. E, os ideais individuais são a assimilação das expectativas sociais mais as experiências vividas e as aspirações pessoais.

Motivados pela promessa de relacionamento igualitário e esperando ter satisfação plena, os indivíduos parecem construir o ideal de casamento superestimado diante da realidade vivenciada. Enfrentando problemas e fazendo concessões, eles aspiram por mudanças que mantenham viva a sensação inicial de apaixonamento.

Como postula Jablonski (1991), o casamento contemporâneo é baseado na idealização do amor-paixão, que seria o sentimento poderoso e intenso que une os parceiros de início. Com o passar do tempo e com a convivência rotineira, o afeto parece ser transformado em amor-companheiro, caracterizado por mais ternura e cumplicidade. Segundo o autor, essa mudança é muitas vezes encarada de forma negativa pelos casais, os quais podem percebê-la como o término do amor pelo cônjuge. Para ele, essa atitude deve-se ao cenário sócio-cultural que privilegia o amor-paixão e estimula relacionamentos de muita intensidade e pouca estabilidade.

Goldenberg (1994) também marca a diferença entre o sentimento no princípio e no desenrolar da relação amorosa, segundo homens e mulheres. A paixão inicial seria uma emoção intensa e passageira, que tenderia a se modificar ou terminar ao longo do relacionamento. O amor seria o afeto mais permanente e duradouro, composto por amizade, cumplicidade, respeito. Para a autora, o sentimento mais indicado para a manutenção de um casamento seria a combinação entre paixão e amor. Por essa fórmula, seria conservado o desejo mútuo de um, e, a tranquilidade e a perenidade do outro. A relação não se transmutaria em amor fraternal nem seria consumida pela efemeridade passional.

Conforme pondera Goldenberg (1994), nas relações em que não há uma administração entre paixão e amor, pode haver grande insatisfação e frustração

pela ausência da sensação de desejar e ser desejado. As possibilidades de infidelidade podem decorrer dessa nostalgia, incitando uma procura descomedida por outros objetos de amor.

Dias (2000) analisa o casamento ideal contemporâneo como aquele que acontece por amor e compreende a satisfação afetivo-sexual e a compatibilidade intelectual. O prazer da convivência conjugal irá determinar a sua manutenção e a sua própria existência. Os cônjuges buscam a felicidade por meio do respeito mútuo às diferenças, do desenvolvimento conjunto e da realização pessoal.

Dias (2000) verificou que as mulheres apresentaram dificuldades em superar ideais românticos internalizados para a manutenção da relação amorosa. Elas relataram que o casamento vivenciado não correspondia ao esperado. A realidade conjugal implicava em enfrentar problemas inesperados. Elas reconheceram que o dia-a-dia do relacionamento impede o romantismo e a paixão constantes, embora tenham demonstrado certa nostalgia por terem que abdicar do sonho do amor eterno.

As mulheres mostraram-se cientes de que o casamento poderia não durar para sempre, o que ocorreria, segundo elas, se fossem abaladas na satisfação conjugal e no sentimento pelo marido. Disseram rejeitar uma postura de acomodação e enfatizaram a importância do amor e do prazer na convivência com o parceiro para o melhor enfrentamento das dificuldades no casamento.

A autora também constatou que as mulheres parecem supervalorizar a intimidade e a integração no relacionamento. Tal atitude pode contribuir para a dissolução de seus espaços individuais, sendo altamente solicitada pelo marido e pelos filhos. Elas reivindicam sua individualidade e autonomia, mas parecem estar mais a cargo do bem-estar coletivo do que do pessoal.

Estudando as estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal, Garcia e Tessara (2001) constataram que a maioria das mulheres comporta-se conforme o desejo utópico do amor romântico. Este estaria relacionado à profunda intimidade, à exclusividade, à durabilidade. Elas mantêm a esperança de alcançarem o ideal externo e conseguirem, assim, ser felizes no casamento. Almejam a perfeição na medida em que consideram que há problemas no relacionamento. Porém, se dispõem a realizar esforços para resolvê-los, bem como para garantirem a estabilidade e a duração da relação.